

# 1º Curso em parceria com Bolonha

**U**m total de 25 alunos inscreveu-se no curso de Estudos Pós-Coloniais, o primeiro que a plataforma digital de ensino a distância do Instituto Camões (IC) promove no campo das ciências sociais. O curso, que teve início a 13 de Outubro, é também o primeiro que o IC realiza em parceria com uma universidade estrangeira, no caso a de Bolonha.

A coordenação e concepção do curso *Estudos Pós-coloniais: Atlânticos Sul* pertence a Roberto Vecchi, professor associado de Literatura Portuguesa e Brasileira na Facoltà di Lingue e Letterature Straniere da Universidade de Bolonha, e a Margarida Calafate Ribeiro, doutorada em Estudos Portugueses pelo King's College, investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e responsável pela cátedra IC/Eduardo Lourenço na Universidade de Bolonha.

O curso «aparece a partir de uma reflexão muito centrada em Eduardo Lourenço e Boaventura Sousa Santos», afirma Margarida Calafate Ribeiro, acrescentando Roberto Vecchi que se trata de uma «versão digital» daquele que é ministrado em Bolonha no âmbito da cátedra baptizada com o nome do pensador português. O curso de iniciação ao nível do 2º grau no âmbito do processo de Bolonha, que Roberto Vecchi descreve como de «estudos culturais e sociais», pretende ser uma «abordagem multidisciplinar», cruzando Literatura, Sociologia e História, a partir do conceito de Atlânticos Sul e do papel que a colonização portuguesa teve na sua formação através das relações entre a África e o continente americano, em particular o Brasil.

Sendo certo que a ideia de Império «é transversal à História de Portugal», segundo Vecchi, a partir do movimento marítimo de Portugal o

espaço desse Império é no Atlântico Sul. Diferentemente do Índico do '1º Império Português', onde ao chegarem os portugueses são apenas mais um actor na região, «o Atlântico Sul está vazio», explica Margarida Calafate Ribeiro. «No Atlântico [os portugueses] fazem tábua rasa», transformada em «espaço de eleição de todas as mitologias», e palco de novas ligações regionais.

A investigadora sublinha que «Angola e Brasil têm conexões que não passam por Portugal». Não só a expulsão dos holandeses de Luanda no século XVII foi feita a partir do Brasil, como este país, quando das negociações com Portugal para o reconhecimento da sua independência, discutiu com Lisboa «quem é que ficava com Angola», evoca a professora da Universidade de Bolonha.

Roberto Vecchi considera que a «a escravatura conjuga Angola e Brasil» e «cria esse espaço transnacional lido pelo lusotropicalismo», outro dos temas do curso que, a par do discurso sobre o Império, se propõe reinterpretar, «para distinguir o mito da história», diz Margarida Calafate Ribeiro.

A análise das «dinâmicas de viagem, colonização, império, resistência e libertação no espaço do Atlântico Sul», onde se geraram culturas de Língua Portuguesa, e os processos que entretanto ocorreram nesses espaços pós-coloniais são, pois, as duas balizas do curso, que prevê também uma intervenção na definição dos domínios de pesquisa dos alunos.

Sete são os módulos programáticos previstos: *Fundação do espaço atlântico – os textos do encontro e da fundação; Consolidação do espaço atlântico – fluxos e refluxos humanos e culturais; A desagregação do império luso-brasileiro e a reconfiguração do espaço atlântico; Angola,*

*novo centro imaginado do império português; Lusotropicalismos do Atlântico Sul; Guerras Coloniais, Revolução e descolonização; Atlânticos do Sul de hoje: pós-colonialismos e lusofonia.*

## **Criar uma rede internacional**

A forte componente curricular relativa ao período colonial justifica-se, no dizer de Margarida Calafate Ribeiro, pelo facto de a «dimensão do colonial» ser necessária para se perceber a situação pós-colonial. Esta abordagem é também diversa da que é seguida nos Estudos Pós-coloniais clássicos, que tende a ignorar a História.

Por outro lado, acrescenta a investigadora de Coimbra, «a maior parte dos estudos pós-coloniais dirige-se ao império inglês». Ora, diz, «pretende-se construir esta ideia de pós-colonialismo a norte e a sul». «O pós-colonialismo não é só um movimento do sul. É do sul e do norte. A Europa é tão atingida pelas descolonizações como o sul», sustenta.

E explica: «Com a crise do Canal do Suez, a Europa percebe que os americanos já não virão e a Comunidade Económica Europeia, que surge dois anos depois, é uma reacção clara da Europa às crises das descolonizações». Há pois uma alteração do sistema colonial.

O curso tem pois «a ambição de repensar o pós-colonialismo em Língua Portuguesa», diz Roberto Vecchi, que dirige na editora Diabasis a colecção 'Extrema Europa', em que foi publicado em italiano o *Labirinto da Saudade*, de Eduardo Lourenço, acompanhado de dois outros ensaios do mesmo autor, a *Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, e o *Atlântico Periférico. Il postcolonialismo portoghese* (Boaventura Sousa Santos, Irene Ramalho, António Sousa Ribeiro e Margarida Calafate Ribeiro).

O estudo destas matérias será feito a partir de

uma bibliografia de base digitalizada em Língua Portuguesa, de fontes históricas e literárias («a literatura é o grande arquivo do império», diz Roberto Vecchi) e iconográficas, que serão disponibilizadas a distância aos alunos, que terão também acesso a ligações (links) com fontes digitalizadas.

Dos 25 alunos inscritos, nove são brasileiros e outros nove portugueses, estes na sua maioria residentes no estrangeiro. Há ainda alunos da Argentina, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Itália, Polónia e Suécia.

Esta diversidade satisfaz os coordenadores, porque permite começar a criar aquilo que constitui um seu outro objectivo: «criar uma rede internacional muito aberta» de Estudos Pós-coloniais, centrada nas temáticas do curso, com apoio nestes alunos. «O interesse de alunos estrangeiros potencia a criação de condições para essa rede», afirma Roberto Vecchi.

A frequência com sucesso do curso, que é pago e dura cinco meses, granjeia aos seus alunos – ser licenciado ou licenciando constituía condição de acesso – a atribuição de seis créditos de ECTS (European Credit Transfer and Accumulation System), conhecido vulgarmente por processo de Bolonha.

Segundo os organizadores do curso, este prevê um «total de 168 horas de trabalho por parte dos formandos», o que inclui «actividade: (a) autónoma, para leitura de textos e reflexão sobre as matérias neles versadas; (b) com apoio a distância através de tutoria síncrona; (c) com participação assíncrona em fóruns de discussão e (d) de elaboração de trabalhos e/ou testes.»

A avaliação dos formandos será feita com base em «trabalhos ou testes para cada um dos módulos (num total de cinco)», «participação em chats e fóruns» e «um trabalho final».